

O erotismo e a estética em *Morte em Veneza*

Melissa Cordeiro Rodrigues
UERJ

1 - Introdução

“Estou encontrando formas novelísticas e máscaras que podem ser mostradas em público como um meio de transmitir meu amor, meu ódio, minha solidariedade, meu desprezo, meu orgulho, meu escárnio e as acusações que quero fazer” (HAYMAN, Ronald. Thomas Mann: a biography in PILAGALLO, Oscar.”Um moderno à moda antiga – Dossiê Mann”. *Entre livros*, São Paulo: Editora Duetto, ano I, n. 1. p.)

Este trabalho analisará a obra *Morte em Veneza*, de Thomas Mann. Embasado em textos sobre mitologia grega, biografias do autor, textos críticos sobre o mesmo e sua obra, e o livro *O banquete*, de Platão, discutirá de que forma Mann apresenta problemas que estavam em voga na época, especialmente no que diz respeito à arte e à estética.

2 – Morte em Veneza

“A atração pelo belo se confunde com a atração pela morte, e a arte surge como uma função destrutiva da vida” (TRIGO, Luciano. *Morte em Veneza*, apresentação)

Morte em Veneza (1912) narra a história de um escritor de meia - idade alemão que, em uma viagem para Veneza, apaixona – se por um belo adolescente. Entretanto, mais do que discutir a paixão de um homem mais velho por um adolescente, sobre homossexualismo ou pedofilia, em sua obra, Mann transforma o erotismo em questão estética.

Já na primeira linha da obra, Mann mostra qual era a posição social da personagem: “Gustav Aschenbach ou Von Aschenbach, como era oficialmente seu nome (...)” (p. 89). A personagem tinha 50 anos, era um bom e importante escritor, gozando de prestígio e respeito. Entretanto, entrara em crise, não conseguindo mais escrever; sua obra já não o satisfazia mais. Soma – se a isso a morte de sua mulher, agora nem a arte e nem sua vida tinham mais sentido.

Um dia, caminhando pelas ruas de sua cidade natal, Gustav chega em um cemitério. Lá ele se depara com uma personagem agourenta (p. 90) – a primeira dentre várias. É esta figura agourenta, estranha, que faz surgir na personagem a vontade de ir viajar:

“Fosse que o aspecto de viajante do estranho tivera um efeito sobre sua imaginação ou outra qualquer influência física ou moral, surpreendido, ficou cômico de uma estranha expansão de seu íntimo, uma espécie de vago desassossego, um desejo juvenil e sedento para a distância, um sentimento tão vivo, tão novo ou há tanto tempo desacostumado e desaprendido (...). Era o desejo de viajar, nada mais; mas verdadeiramente parecendo um acesso e intensificado até a paixão, sim, até a alucinação.” (MANN, Thomas. *Morte em Veneza*. p. 92).

A obra é permeada de várias figuras agourentas (marinheiro corcunda, o capitão do navio, o velho pintado, o condutor da barca, o violeiro), que parecem advertir Gustav de seu destino. Todas elas são estranhas, esquisitas, todas premonitórias de um destino ao qual ele estaria fadado, desde que resolvera viajar: a morte. Saber que a fuga desta era inevitável faz Gustav ter ânsia em fugir, em viajar, em sentir emoções nunca sentidas:

“Mas sabia muito bem por que razão a tentação se dera tão inesperadamente. Era ímpeto de fugir; o que confessou a si mesmo, esta saudade para a distância, para a novidade, esta ânsia por libertação, exoneração e esquecimento – a pressão de se afastar da obra, do sítio cotidiano de um serviço rígido, frio e apaixonado” (apud, p. 94).

Nas páginas seguintes, o velho escritor faz uma descrição de si mesmo e suas origens. Ele representava um típico burguês do período: com títulos, inteligente, e seguindo rígidos padrões morais. Ele não tinha a forma física e a

perfeição que gostaria de ter, buscando – a na arte. Sua arte era apolínea, ou seja, aspirava à disciplina, harmonia, ordem, ao equilíbrio e à perfeição, cultuando a forma e o conteúdo. Era um artista disciplinado, que seguia o “cotidiano de um serviço rígido, frio e apaixonado” (p. 94).

Entretanto, como o próprio assinala: “(...) todo grande talento tem inato um impulso e um espinho natural (...)” (p. 99), ou seja, todo artista tem também em si um lado dionisíaco, da desordem, de festas e alegrias, de seguir os impulsos. O artista não nasce com o talento, é preciso impulso para tê-lo. Cabe ao Apolíneo polir essa desordem.

“(...) um quase demasiado avigorar de seu senso de beleza, aquela nobre pureza, simplicidade e simetria da formação, que dava aos seus produtos (...) um cunho (...) de maestria e classicismo? Porém, resolução moral, além do saber (...) não significa por outro lado, uma simplificação, uma singeleza moral do mundo e da alma, e, portanto, também um revigorar para o mal, o proibido, para o moralmente impossível? E a forma não tem dois lados? Não é moral e imoral ao mesmo tempo (...) desde que por natureza encerre uma indiferença honesta, quando se empenha essencialmente em curvar a moral sob seu cetro orgulhoso e sem limites?” (apud, p. 101).

“O que procurava era o estranho e o sem relação” (p.103). Gustav parte para sua viagem e sua compulsão interior o leva a Veneza “se (...) desejava alcançar o incomparável, o quimérico diferente, para onde ia? Mas é claro!(...) Errara o caminho” (p. 103). Quando chega lá, Mann aponta várias referências sombrias da cidade. Só ao chegar no hotel, Gustav volta ao seu ambiente burguês. Entretanto, até ver Tadzio pela primeira vez, toda a viagem segue obscura, sem luz: “um objetivo que ainda não era claro” (p. 103); “sua chegada a ilha numa manhã nebulosa” (p. 103); “embarcação (...) fuliginosa e sombria” (p. 104); “o céu estava cinza e o vento úmido” (p. 106), “a cidade sempre o recebera resplandecente. Mas o céu e o mar continuavam turvos e plúmbeos” (p. 107).

“Pareceu – lhe que nem tudo era como de costume, que começava a alastrar – se uma estranheza sonhadora, uma desfiguração do mundo para o esquisito que talvez ainda pudesse ser detida se escurecesse seu rosto e tornasse a olhar” (apud, p. 106).

Gustav tenta resistir a esse novo mundo, que estava mostrando “inclinação para desfigurar – se em estranho e grotesco” (p. 108). Talvez se ele ainda fugisse ou detivesse o olhar, ele escapasse desse mundo estranho, “errado, desproporcional, absurdo e proibido” (p. 114).

“A solidão acarreta o original, a ousadia, o estranhamente belo, o poema. Mas a solidão também acarreta o errado, o desproporcional, o absurdo e proibido. Assim, ainda agora, perturbavam a alma do viajante as aparições da viagem (...). Sem apresentar dificuldade à razão, sem fornecer propriamente material para pensar, eram, no entanto, de natureza fundamentalmente esquisita, como lhe parecia, e talvez perturbadoras justamente por causa dessa contradição” (apud, p. 114).

A partir da página 115 Gustav conhece Tadzio.

“Era um grupo de adolescentes, sob a tutela de uma governanta. (...) Com surpresa, Aschenbach notou que o menino era perfeitamente belo. Seu rosto pálido e graciosamente fechado, circundado por cabelos cacheados, louros cor de mel, com o nariz reto, a boca suave, a expressão de seriedade divina, lembrava esculturas gregas dos mais nobres tempos e da mais pura perfeição de forma; era de tão rara atração pessoal que o observador julgou nunca ter encontrado na natureza ou no mundo artístico uma obra tão bem sucedida.”(apud, p. 115)

A partir de então, ele não consegue mais desviar seus olhos do menino: “(...) e Aschenbach, comodamente instalado na poltrona funda e, ademais, com a beleza perante seus olhos, esperou com eles” (p. 116).

“Sua pequena máquina de escrever portátil sobre os joelhos começou a responder” (p. 123) O menino inspirara o escritor a voltar a escrever. Assim como diz Sócrates, em *O banquete* de Platão: “deve - se procurar o belo na forma” (p. 44). Gustav acha um novo modelo para sua produção, um modelo que seguia seus padrões estéticos.

“(...) seu anseio era trabalhar na presença de Tadzio, e, escrevendo, adotar a figura do menino como modelo, deixar seu estilo seguir as linhas deste corpo que lhe parecia divino, levar sua beleza para o espiritual (...) (apud, p. 139)

Tadzio é perfeito, modelo de beleza e perfeição, ele é o próprio deus Apolo. Apolo na mitologia grega é o deus da inspiração, da beleza perfeita, símbolo da

harmonia entre o corpo e o espírito. Também é o deus sol, que ilumina tudo ao redor, trazendo clareza e discernimento. Apolo é o deus grego mais venerado depois de Zeus, porque seu poder exercia - se em todos os âmbitos, tanto da natureza quanto do homem, e por possuir o mais belo dos poderes celestes, o sol, capaz de dissipar as trevas e as forças maléficas. Ele é representado na cultura grega como um jovem, pois o sol não envelhece. Assim é o jovem menino: “(...) este espantou - se de novo, sim, assustou - se sobre a beleza verdadeiramente divina desta criatura humana.(...)” (p. 119).

Depois de conhecer Tadzio, Gustav passa a ver o mundo de outra forma. O fascínio ilumina - lhe os olhos. Essa luz ilumina, não só sua vida, mas também um novo conceito estético (que será visto mais adiante). A cidade que estava sombria e estranha, agora fica mais clara. O sol volta a aparecer: “deixando um dia de sol estender - se agradavelmente para outro” (p. 135); “o mar azulava mais e mais” (p. 135); “o sol queimava - lhe o rosto e as mãos, o ar salino fortaleciam - lhe o sentimento” (p. 141).

Entretanto, apesar dessa vitalidade que o sol/ Tadzio traz para ele, Gustav começa a notar que algo estranho está acontecendo em Veneza: “viajou à tarde, para Veneza, com o vapporreto sobre a laguna, que cheirava a podre” (p. 126); “sobre as ruas pairava um calor repugnante; o ar estava tão pesado” (p. 126). Boatos começavam a surgir na cidade, uma notícia que era escondida dos turistas. Era a cólera, que espalhava - se pela cidade.

A cólera desenvolve - se sorrateiramente. Ninguém sabe de onde vem, e ceifa tudo que vê pela frente. Assim também vai tornando - se paixão o fascínio de Gustav por Tadzio. Ele tenta não se arrastar por esse turbilhão, justificando para si mesmo seu fascínio por causa da arte. Lembra - se do que ele é, de seus valores burgueses, de como uma atração por um menino causaria escândalo. Essa nova ordem que vai surgindo em Gustav ia contra tudo que ele já pensara antes, tanto como artista quanto como homem. Essa nova ordem, caótica, é arriscada para ele, pois o desestruturaria:

“Lá ficou muito tempo perante o espelho e observou seu cabelo grisalho, seu rosto cansado e marcado. Neste momento pensou em sua fama e que muitos o

conheciam na rua, olhando – o respeitosa, por causa de sua palavra, que atingia o alvo e era coroada de encantos; exortou todos os sucessos mundanos de seu talento dos quais podia lembrar – se, pensou mesmo na concessão de seu título de nobreza” (apud, p. 125).

Com medo e assustado, o escritor entra em crise novamente. Sente necessidade de ir embora, fugir. Sua ordem tenta reprimir a desordem, por esta desestabilizá – lo. Quer resistir, pela disciplina, ao que é desmedido e caótico:

“um suor desagradável rompeu – lhe. Os olhos recusavam seus serviços, o peito estava oprimido, ele parecia febril, o sangue pulsava na cabeça. Fugiu, sobre pontes (...) Ali foi molestado por mendigos e as nauseantes exalações dos canais lhe tiravam o desejo de respirar. Num lugar silencioso (...) enxugou a testa e convenceu – se de que tinha de partir” (apud, p. 126)

Entretanto, Gustav é surpreendido por algo que não esperava: o acaso. Por um problema na companhia de viagem, sua bagagem é despachada para outro lugar. “Uma alegria aventureira, uma hilaridade inacreditável abalavam (...) quase convulsivamente, seu peito” (p. 130). Ele se vê “obrigado” a voltar para o hotel. Na realidade, esse acaso, ou como Goethe chamava, o **dämon**, levou o escritor para o lugar onde ele exatamente queria ir. Sua razão e seu moralismo o levavam a ir embora, mas seu inconsciente queria ficar em Veneza. E logo Gustav conclui que seu motivo de permanecer lá era Tadzio: “por causa de Tadzio a despedida se tornara tão penosa” (p. 132)

A partir de então, Gustav entrega – se ao caos: “Que lhe diziam ainda arte e virtude comparadas às vantagens do caos?” (p. 162) Se ele não vivesse o caos, não seria um homem completo. Já não justifica mais o menino ser mero modelo de beleza, admite seu amor pelo menino.

Na realidade, este amor homossexual serve de pretexto para Mann discutir algo muito maior: arte e sua estética. Até então, Gustav defendia a arte apolínea, certa, ordenada, que, de tão perfeita, tornara – se medíocre. Para a personagem, o artista era o criador da beleza e o espírito devia guiá -lo . Assim, ele se controlou a vida inteira pelo bem da arte. É nesta viagem que ele descobre emoções que nunca deixara aflorar. Assim que vê Tadzio, Gustav encontra um modelo formal para sua arte, uma nova razão para escrever. Entretanto, ele esconde uma

obsessão mais física. Não são só os olhos da forma que envolvem Gustav, a beleza não é mais só pelo espírito, e sim pelos sentidos. O que admira é o sensual de Tadzio. O menino serve para mudar o princípio de estética que ele concebia. Seu ímpeto de produção parece resolvido, entretanto, de uma maneira diferente a qual sempre acreditou:

“Estátua e espelho! Seus olhos envolveram a nobre figura à beira do azul e, em êxtase entusiasta, ele acreditou, com esse olhar, compreender o belo em si, a forma como pensamento divino, a única e pura perfeição que vive no espírito e da qual uma imagem e alegoria humana aqui estava erguida, leve e graciosa; e sem hesitação, avaro mesmo, o artista envelhecido recebeu – a calorosamente. Seu cérebro girava, sua cultura entrou em efervescência, sua mente levantou pensamentos transmitidos desde sua juventude e que até então não tinham sido avivados pelo próprio fogo. Não estava escrito que o sol desviava nossa atenção do intelectual para coisas sensuais?” (apud, p. 137)

A relação de Gustav e Tadzio é homoerótica; Gustav é atraído pelo seu igual, mas pelo o que o menino vai se tornar. Apesar de dizer: “Descansar ao lado do perfeito é o anseio daquele que se empenha pelo esmerado” (p. 121), seu desejo não era ter relações com o menino. Se ele o tocasse, haveria a realização concreta, e Tadzio era uma idealização: “o fácil e o alegre podia levar à sanável desilusão” (p. 140). Ele deseja se apossar, mas não pode. O belo representava o amor absoluto, a vivência do Eros.

“embriagado por este descobrimento, atraído por este olhar, levado pela paixão, o enamorado perseguia uma esperança indecorosa – e todavia, viu – se, por fim, ludibriado de sua contemplação” (apud, p. 168).

Gustav nunca consegue tocar no menino, e no fim, já estava esgotado da perseguição. E, como a paixão não poderia concretizar – se, inicia – se sua queda: “(...) por muito tempo não teve consciência do cansaço, do esgotamento que a emoção e a constante tensão tinham causado ao seu corpo e ao seu espírito.” (p. 167)

A questão do Eros também é muito importante, não só em *Morte em Veneza*, mas em toda a obra de Mann. Ronald Hayman diz em *Thomas Mann: a biography* que “toda a sua carreira consistiu em conectar Eros ao mundo”

(HAYMAN, Ronald. Thomas Mann: a biography in PILAGALLO, Oscar. "Um moderno à moda antiga – Dossiê Mann". *Entre livros*, São Paulo: Editora Duetto, ano I, n. 1. p.)

Eros também foi um deus grego muito importante, pois era o deus do amor e do desejo, capaz de subjugar corações e triunfar sobre o bom senso. Para melhor explicitar a importância de Eros, Platão escreveu uma obra, *O banquete*, no qual narra uma discussão sobre o Amor entre vários filósofos. O filósofo Fedro, na obra, afirma que "o Amor é dos deuses o mais antigo, o mais honrado e o mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em sua vida como após sua morte." (p. 11). Gustav justifica toda sua paixão por Tazio através do Eros, mesmo sabendo que alguns considerariam sua paixão uma loucura, Eros triunfaria sobre seu bom senso:

"Inúmeros heróis de guerra da antiguidade carregaram espontaneamente seu jugo, pois nenhuma humilhação era tida como tal quando este deus a impunha e atos que seriam tratados como sinais de covardia (...) não causavam vergonha ao amante, ao contrário, ele ainda colhia louvor por isso. Assim era definido o modo de pensar do seduzido, assim procurava amparar – se, conservar sua dignidade" (apud, p. 151).

Também em *O banquete*, outros filósofos justificam Eros: para Sócrates, Eros é o anseio de quem se sabe imperfeito por se formar espiritualmente a si próprio. Eros é um poder educador e que mantém unido todo o cosmo espiritual, isso porque ele é a aspiração comum a todo homem de buscar e se apossar por completo do belo. Eriximaco menciona que Eros promove o bem estar e a harmonia, estando em todas as esferas do cosmo e das artes humanas. E Aristófanes considera Eros um anseio, uma busca metafísica do homem por uma totalidade do ser, inacessível ao homem. Em ambos pode – se chegar a conclusão que Eros cura a natureza humana. Este é o papel de Eros para Gustav. Este, ao deixar – se levar pela paixão, busca ser completo, sentir uma emoção que nunca sentira antes, procura seu bem – estar, busca uma nova ordem, só que agora em padrões diferentes do que ele pensava.

Gustav possui a vontade de apoderar - se de Tadzio, embora só possa contemplá – lo. E, assim como a arte perfeita é impossível, a totalidade do ser também o é, ele busca o Eros, mas no final acaba morrendo por ele.

Também é importante considerar até que ponto se deixar levar pelos impulsos contribuiu para que Gustav chegasse à perdição. Ou será que o belo também influi nisso? Rilke, em sua poesia *Primeira Elegia de Duino*, afirma:

“Porque o Belo nada é
senão o começo do terrível, que estamos apenas suportando
e se assim admiramos é que impassível
desdenha de nos destruir
Todo anjo é terrível”(RILKE, Rainer Maria. *Primeira Elegia de Duino*.apud,CAMPOS, Geir. *O livro da Poesia Alemã*, p. 269)

Nietzsche comenta em seu texto *Dionísios e Apolo, ou o fim da Aufklärung*, que :

“a questão de saber se o seu desejo sempre crescente de beleza, de festas, de prazeres, novos cultos não seria realmente o resultado de miséria, renúncia, melancolia e sofrimento?(...) De onde viria então a tragédia? Talvez do prazer, da força, da saúde exuberante, de uma plenitude excessiva?” (NIETZSCHE, Friedrich. *Dionísios e Apolo, ou o fim da Aufklärung*. Apud p. 192)

O Apolíneo e o Dionisíaco não são responsáveis pela morte de Gustav, mas são molas propulsoras para tal. É a partir do encontro com o belo e do impulso dionisíaco que o escritor resolve entregar - se às suas paixões. Tadzio é, ao mesmo tempo, Apolo, o espiritual e estético, e Dionísio, o sensível e desordenado.

O Dionisíaco também aparece na obra de outras formas: através de música, festas e bebedeiras. Quando Gustav chega a Veneza, é recebido por uma embarcação com músicos; num jantar, um músico estranho toca perto do mesmo, em uma cena, o velho autor está bebendo um líquido vermelho. Todas estas alegrias, festas e liberdades, também são premonitórias da morte, e incitam - no ao êxtase e a novas experiências.

Gustav deixa – se arrastar pelo turbilhão da paixão, perdendo sua identidade e razão frente às situações: “(...) e sua alma experimentou a luxúria e a

loucura da decadência” (p. 161- 162). Fica obcecado, segue Tadzio por todos os lugares, não se preocupando em ser descoberto ou com padrões morais. O próprio menino percebe os olhares do autor. Ele fica louco, sua maior necessidade é Tadzio.

Na passagem que vai ao Barbeiro (pg 165), Gustav tenta dar juventude à sua forma velha e cansada. Antes, como ele não tinha beleza, ele a transferia para a arte. Agora, ele tenta transformar seu próprio corpo em beleza. A partir do momento que Gustav muda sua forma de pensar, externando seus desejos, precisa buscar uma nova identidade, o que faz na pintura, nas roupas, na aparência física. Acaba se tornando um mesmo tipo de pessoa que aquele velho do início da narrativa, que tentara passar - se por jovem. Aquilo que causou repugnância e estranheza, agora se transforma. Gustav entrega – se às loucuras. É como se estivesse embriagado pela paixão. O Eros celestial dá lugar a um Eros vulgar, cheio de desejos.

Concomitantemente, Veneza fica cada vez mais pútrida e contaminada pela cólera. O escritor descobre o mal a tempo, mas em sua embriaguez, não pode deixar Veneza nem Tadzio. A cólera avança da mesma forma que sua obsessão aumenta. A doença e a morte abriram espaço para a arte florescer, visto Gustav tentar tirar proveito dela, esperando que Veneza ficasse totalmente vazia, para poder ficar mais próximo de Tadzio.

“Pois a paixão, como o crime, não se adapta à ordem segura e ao bem – estar cotidiano, e todo afrouxar da estrutura civil, toda confusão e tribulação do mundo lhes é bem – vinda, porque estas situações podem trazer uma esperança incerta de nelas encontrarem seu proveito” (apud, p. 147)

A pureza da forma, a abstração, o equilíbrio já não significam mais para Gustav. Ele percebe que esse ideal não existe. Sabendo também que não poderia consumir sua paixão pelo menino, que ela era intocável, o autor, por fim, entrega – se à morte.

“Pois devem saber que nós, artistas, não podemos seguir o caminho da beleza sem que Eros se associe e se arvore em guia. (...) A paixão é nossa elevação e nosso anseio deve continuar a ser o amor?(...) A glorificação de nosso estilo é

mentira e idiotice, nossa fama e posição de honra uma farsa, a confiança do povo em nós altamente ridícula, a educação do povo e da juventude pela arte é um arrojado e proibido empreendimento. Pois como poderia servir de educador aquele a quem é inata uma tendência incorrigível e natural para o abismo?” (apud,p. 169)

3 – Conclusão.

Thomas Mann, em *Morte em Veneza*, consegue aliar à obra, discussões sobre assuntos que estavam em voga na sociedade e na época: burguesia, paixões, moralismos, preconceitos, homossexualismo.

Apresenta um protagonista binário, de um lado um artista em crise, com uma obsessão estética e espiritual, a qual defendeu durante toda a sua vida, e por outro lado um artista arrebatado pela paixão carnal e pelo púbere. A partir de um amor homossexual, o protagonista muda sua concepção estética, de perfeição e polimento à desordem e ao sensual. Apesar de tentar se esquivar deste mundo estranho e absurdo, acaba rendendo – se á ele, de tal forma que não possui mais limites ou destreza nos gestos e atitudes. Como Platão afirmara: “O Eros está no meio da sabedoria e da ignorância”. (apud, p. 37)

4 – Referências Bibliográficas

- 1 - CAMPOS, Geir. *O livro de Ouro da poesia alemã*. Ed. Ediouro
- 2 – NIETZSCHE, Friedrich. *Dionísios e Apolo, ou o fim da Aufklärung*. In
- 3 – PILAGALLO, Oscar.”Um moderno à moda antiga – Dossiê Mann”. *Entre livros*, São Paulo: Editora Duetto, ano I, n. 1. p. 30 – 45.

- 4 – MATURANO, César. A morte em Veneza. Disponível na internet via <http://www.screamyell.com.br/secoes/morteemvенеza.htm>. Arquivo consultado em 24 de agosto de 2006.
- 5 – GIAMATEI, Crícia. O artista “burguês” revisto. *Jornal da USP*. Ano XVIII n. 646: São Paulo: 23 a 29 de junho de 2003. Disponível na internet via <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2003/jusp646/pag17.htm>. Arquivo consultado em 24 de agosto de 2006.
- 6 - RUBEM Alves debate clássico “Morte em Veneza”. *Folha Online*. São Paulo: 31jan. 2006. Disponível na internet via <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/ult.90u57349.shtml>. Arquivo consultado em 24 de agosto de 2006.
- 7 – THOMAS Mann. *Wikipédia*. Disponível na internet via http://pt.wikipedia.org/wiki/Thomas_Mann. Arquivo consultado em 24 de agosto de 2006
- 8 – THOMAS Mann. Disponível na internet via <http://www.kirjasto.sci.fi/tmann.htm>. Arquivo consultado em 23 de julho de 2006.
- 9 – BIOGRAPHICAL note on Thomas Mann. Disponível na internet via <http://nobelprize.Org/nobelfoudation/publications/lectues/index.html>. Arquivo consultado em 23 de Julho de 2006.
- 10 - THOMAS Mann – the nobel prize in Literature 1929. Disponível na internet via http://nobelprize.org/Nobel_prizes/literature/laureates/1929/Mann_autobio.html. Arquivo consultado em 23 de julho de 2006.
- 11 – SANCHES, Luiz Elias. Thomas Mann. Disponível na internet via <http://www.espacoacademico.com.br/022/22csanches.htm>. Arquivo consultado em 23 de julho de 2006.
- 12 – PLATÃO, *O banquete*. Disponível na internet via <http://www.virtualbooks.Com.Br> Arquivo consultado em 23 de julho de 2006.
- 13 – OLIVEIRA, Cristina G. Machado de. Relação entre Apolíneo e Dionisíaco em Nietzsche. Disponível na internet via http://www.filosofiavirtual.com.br/apolíneo_Nietzsche.htm. Arquivo consultado em 23 de julho de 2006.
- 14 – COELHO, Leandro Anésio. O bem platônico em O banquete.
- 15 – A TRAGÉDIA Grega. Disponível na internet via www.educatererra.com.br/voltaire/cultura/tragédia_grega3.htm Arquivo consultado em 23 de julho de

- 2006.
- 16 – MITOLOGIA Grega. Disponível na internet via www.mundodosfilosofos.com.br. Arquivo consultado em 23 de julho de 2006.
- 17 – APOLO. *Wikipedia*. Disponível na internet via www.wikipedia.org/wiki/Apolo. Arquivo consultado em 23 de julho de 2006.
- 18 – DIONÍSIO. *Wikipedia*. Disponível na internet via www.wikipedia.org/wiki/Dionisio. Arquivo consultado em 23 de julho de 2006.
- 19 – DIONISIO. Disponível na Internet via [www.facom.ufba.br.com.br/12_2000_1/mitos/dionisio.htm](http://www.facom.ufba.br/com.br/12_2000_1/mitos/dionisio.htm). Arquivo consultado em 23 de julho de 2006.
- 20 - THEODOR, Erwin. *A Literatura Alemã*. São Paulo: Edusp, 1980 .